

O contrabaixo elétrico no *setting* musicoterapêutico

The electric bass in Music therapy setting

Julio Cesar Ramon Oliveira

Resumo:

O presente trabalho pesquisa sobre o contrabaixo, sua história, utilização e importância para o setting musicoterapêutico. O violão também é citado, como instrumento amplamente utilizado em Musicoterapia. Um convite para os profissionais da área sobre a importância da utilização do contrabaixo.

Palavras-chave: contrabaixo; musicoterapia; setting.

Abstract:

This work aims to walk the paths that the music therapist is able to walk with the electric bass in your setting. In it there are definitions throughout history and brief comments on this instrument, and the experience during a degree in music therapy. The guitar is also cited this instrument widely used in music therapy. An invitation to the professionals about the importance of using the bass.

Key words: bass, music therapy, setting, instrument.

Introdução:

O contrabaixo elétrico é um dos instrumentos mais utilizados e tem inúmeras formações musicais em todo o mundo. A Musicoterapia é um processo terapêutico que se utiliza de elementos musicais, por um

profissional qualificado. Se faz evidente e necessário a utilização do contrabaixo neste contexto, por se tratar de uma sonoridade tão familiar e presente no nosso dia a dia a tantos anos.

História e definições do contrabaixo:

A sonoridade grave do contrabaixo apresenta uma qualidade ímpar na música de concerto, por se tratar de um timbre¹ com uma textura² diferente dos demais instrumentos. Com o despertar dos compositores acerca desse instrumento, no Barroco e classicismo ele era mera dobra do violoncelo e no período romântico se tornou um instrumento independente, um vasto repertório foi produzido no decorrer da história.

O surgimento do contrabaixo, originalmente, remonta ao século XV. Atribui-se a Domenico Dragonetti a introdução do contrabaixo de três cordas nas orquestras. Já no século XIX começou a ser usado o de quatro cordas, fazendo com que o instrumento tivesse mais possibilidades no apoio à sonoridade mais grave nas orquestras. O contrabaixo, pelo seu registro extremamente grave, raramente possui uma função solística, dando mais apoio à harmonia (Alves, 2008)

O contrabaixo elétrico se tornou ao longo dos anos um dos instrumentos mais utilizados e consolidados ao redor do mundo. Com grande número de instrumentistas, as variações e formações que podem ser eleitas são inúmeras. Sua solidez no cenário mundial trouxe uma identificação com a maior parte da população. Com uma posição intermediária entre o ritmo e a harmonia da música, é um instrumento versátil e acima de tudo pulsante. Na língua inglesa, as linhas de contrabaixo acentuadamente rítmicas são chamadas de *groove*. Esse ritmo unido a instrumentos de percussão dão a base musical, pois é um lugar da banda onde acontecem as sessões rítmicas que dão total apoio a harmonia³ e melodia⁴ executadas por outros instrumentos.

1 Qualidade do som distingue notas musicais iguais porem fonte sonora diferente.

2 Qualidade global do som.

3 Notas musicais tocadas simultaneamente.

4 Notas musicais executadas uma após a outra entre sons e silêncios com uma ordem e identidade lógica.

No dicionário de termos e expressões da música, o contrabaixo elétrico é definido como um instrumento cuja invenção é creditada a Leo Fender. Substituiu o contrabaixo acústico nos conjuntos de rock e jazz, foi utilizado pela maior parte dos grupos de música popular, por ser instrumento de fácil transporte. Exerce a função do contrabaixo acústico, sendo afinado como ele, mas é tocado suspenso e tiracolo por uma correia⁵. Em seu formato mais comum possui de quatro a seis cordas de aço e a vibração é capturada por um captador elétrico, que envia o sinal para um amplificador. O contrabaixo elétrico sem trastes é conhecido como *fretless*, e o que possui trastes *fretted* guitarra-baixo ou contrabaixo elétrico (Autran, 2004).

Essa vibração grave traz inúmeras sensações corpóreas, algumas pessoas sentem vontade de mover-se enquanto o *groove* acontece.

Existem diversos estilos em que o baixo faz uma linha contínua, ou seja, ininterrupta. Um deles é o Baixo Andante (*Walking Bass*), no qual na maioria das linhas são compostas por semínimas, ou seja, uma nota por tempo no compasso 4/4⁶ – essa sensação no ouvinte é que existe um contrabaixo que caminha sobre a harmonia.

No samba, o baixo tem uma função de corpo rítmico. A figura chave na sua ampla maioria é a colcheia pontuada com semicolcheia em compassos 2/4⁷. Há aquela marcação do ritmo em conjunto com o surdo, instrumento grave e percussivo. Harmonicamente o contrabaixo tende a conduzir as fundamentais dos acordes com as quintas como apoio.

Grandes contrabaixistas ao longo da história contribuíram para consolidação desse instrumento, em diversos tipos de formação musical, como Jaco Pastorius (1951-1987), um dos maiores de todos os tempos. Luizão Maia (1949-2005), grande baixista brasileiro que gravou com diversos nomes da MPB como: Elis Regina, Toquinho, entre outros. Paul Chambers (1935-1969), conhecido também como MR. PC era um dos grandes músicos da década de 1950 e 1960 tocando em diversas formações, dando uma possibilidade solista ao instrumento, inclusive tocando e gravando com lendas do jazz como Miles Davis e Jonh Coltrane. Esses contrabaixistas foram escolhidos como uma homenagem póstuma as grandes obras que fizeram durante suas respectivas vidas.

5 Alça que se apoia no ombro para fixar o instrumento junto ao corpo.

6 Opção de escrita do compositor.

7 Grande parte desse repertório é composta nesta fórmula.

O contrabaixo elétrico e o contrabaixo acústico são instrumentos monódicos na maioria das execuções, ou seja, executam uma nota por vez, pode priorizar a melodia, ou podem fazer acordes atuando como instrumento harmônico. A palavra acorde vem da expressão acordo – é um acordo entre as notas, que segue uma hierarquia. O contrabaixo toca quase sempre, as notas fundamentais dos acordes. São na maioria das vezes as notas que dão nome aos acordes.

As ondas sonoras graves têm maior amplitude e alcance. Por ser uma onda maior reverbera primeiro no corpo para depois ser realmente entendida pelo cérebro.

A utilização de linhas graves acontece no universo da música eletrônica. Sua utilização por *Djs* está cada vez mais presente na estruturação e montagem de seus repertórios.

Em linhas gerais não dá para desassociar o fazer musical desse século da presença desse instrumento. Consequentemente não se pode pensar na construção de um setting musicoterapêutico sem levar em conta toda a extensão, alcance e história desse instrumento.

O Violão em Musicoterapia:

Historicamente os instrumentos musicais foram criados como um prolongamento do corpo humano, são carregados de simbolismo (desejo e fantasias humanas) e propiciam uma comunicação entre o homem e o mundo externo, traduzindo e expressando emoções e sentimentos num relacionamento sonoro (Baranow, 1999, p. 32-3).

O contrabaixo elétrico tem instrumentos “semelhantes” e são amplamente utilizados no setting musicoterapêutico. Um deles é o violão, de suma importância por sua versatilidade, baixo custo, e por ser um instrumento acústico, não necessita estar plugado⁸ para sua execução.

O setting é o “cartão de visita” do musicoterapeuta, é o primeiro contato do paciente com o sonoro, de maneira que só o profissional com essa formação poderia utilizar esses elementos técnicos de maneira tão precisa. É diferente fazer uma improvisação ou ouvir uma música em setting Musicoterapêutico do que em qualquer outro lugar (Santos, 2011, p. 4).

8 Instrumentos que necessitam amplificador para seu uso.

O violão assim como o contrabaixo são instrumentos que quase sempre estão presentes na sociedade: em festas, rituais litúrgicos de diversas religiões, e a indústria fonográfica disseminou sua popularidade. Todas essas identificações os tornam instrumentos “comuns” no setting musicoterapêutico.

Uma das principais funções do violão no setting musicoterapêutico é o acompanhamento de canções nas recriações musicais, assim como suporte harmônico para as improvisações e composições realizadas durante uma sessão. Em se tratando do acompanhamento de canções por meio do violão, ressalta-se a variedade de gêneros e estilos musicais brasileiros e internacionais de que o profissional musicoterapeuta precisa ter conhecimento e, dessa forma, domínio técnico violonístico para a execução (Teixeira, 2010, p. 28).

Instrumentos como estes estão intimamente ligados a toda história sonoro-musical produzida nesse último século. São indicados a pertencer ao setting por estar no histórico, da sociedade em geral.

O violão e o contrabaixo são instrumentos que transitam muito bem por todos os estilos musicais que o paciente venha a ter no seu histórico sonoro. O vasto repertório cultural do Brasil abrange pessoas de diversos níveis sociais, credos e etnias. Por isso, o estilo musical que o musicoterapeuta deve percorrer vai de acordo com a estratégia de atendimento traçado antes das sessões, com diversas entrevistas e anamneses realizadas no início do processo terapêutico.

Aplicação do contrabaixo no contexto musicoterapêutico:

O fazer musical em Musicoterapia é totalmente diferente do padrão dos músicos, e está centrado na produção do paciente. Mas questões musicais como ler uma cifra, escrever uma partitura, entender o campo harmônico, saber fazer uma transposição são indispensáveis para o terapeuta. Segundo Benenzon (1988, p. 72), “Todo elemento capaz de produzir um movimento capaz de ser vivenciado como mensagem, como meio de comunicação será parte integrante dos elementos técnicos da Musicoterapia”.

Adaptações são normais à medida que diversidades do universo sonoro do paciente vão surgindo ao longo do processo terapêutico. O musicoterapeuta deve entender o tamanho do desafio e sempre se

reinventar quando necessário. Utilizando as técnicas musicoterapêuticas, buscando apoio dos instrumentos, modificando o setting ou até mesmo trazendo elementos de outras terapias.

A musicoterapia é um processo com o objetivo de manter ou reestabelecer um estado de bem-estar do paciente através de experiências musicais vivenciadas por ele. Essa técnica terapêutica utiliza a música em todas as suas formas e a participação do paciente pode ser ativa ou passiva e procura desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo para que ele alcance uma melhor qualidade de vida, através de prevenção, reabilitação ou tratamento (Bruscia, 2007).

A improvisação é uma das técnicas mais utilizadas nas sessões. O musicoterapeuta na sua essência traduz elementos do discurso musical para seu paciente. Elementos da linguagem também se aplicam como pergunta e resposta, entonação, dinamismo. Mas a terapia não é voltada para o verbal, são apenas elementos musicais que se aplicam em sessão. Na graduação em musicoterapia o violão tem cadeira cativa entre as disciplinas. É um instrumento de apoio na formação do terapeuta como um todo. Cabe ao Musicoterapeuta dominar esse instrumento para poder incluí-lo no setting.

No ano de 2015 um grupo de crianças com dificuldade na marcha foi atendido simultaneamente com estagiários da Fisioterapia e Musicoterapia (FMU-SP). As crianças tinham de completar um circuito marchando. No início do tratamento os estagiários de Fisioterapia utilizavam brinquedos com as crianças com o intuito de que cumprissem um percurso. Com a entrada dos estagiários de Musicoterapia, a música se tornou o estímulo para que as crianças fizessem o mesmo percurso, mas agora motivadas pela introdução do violão e contrabaixo. Estratégias de ambas as equipes foram alinhadas e os resultados ao longo das sessões foram surgindo.

Em percursos mais longos, a marcha já com maior desenvoltura foi se ampliando. O contrabaixo, por ter um elemento rítmico do pulso⁹, muitas vezes influenciava a mobilização corporal dos pacientes enquanto era executado. O violão, associado com a voz, dava o contexto ideal para as brincadeiras de marcha acompanhando as canções do repertório infantil.

O repertório escolhido para o contrabaixo elétrico foi o jazz e a música instrumental. Em alguns momentos das sessões, quando

9 Pulso está ligado à constância e métrica rítmica.

necessário, o violão entrava em cena como elemento organizador do grupo, com a voz guia. Quando o contrabaixo elétrico era eleito, o grupo mudava o rumo e algumas vezes era trabalhado o desempenho individual da marcha de cada paciente.

O objetivo das sessões nesse grupo era o movimento, e cada movimento era uma vitória. Através do movimento corporal existe o ganho cognitivo, especialmente por se tratar de um grupo de crianças. O fazer musical aliado às brincadeiras sonoras deram um contexto único para o objetivo comum, a marcha.

O grupo tinha crianças de diversas idades e algumas patologias relacionadas a marcha, duas crianças com paralisia cerebral uma de 17 outra de 15 com cognitivo afetado. Uma com hemiplegia de sete anos, um garoto de seis anos com marcha ataxia, e outro garoto de sete anos com uma má formação de membro superior esquerdo que consequentemente influenciava em sua marcha.

Brincadeiras de roda, com consigna na voz e o repertório sendo executado em pulsações e métricas diferentes, andamentos rápidos médios e bem lentos ajudavam os estagiários de fisioterapia propor marchas diferentes para as crianças. O contrabaixo por sua vez foi utilizado em momentos que o grupo se fazia necessário sonorizar e consequentemente ritmar a marcha dos pacientes. A música instrumental se contrapunha as canções infantis que trabalhavam o grupo de maneira coletiva. Levadas de bossa nova eram transformadas em estímulo para marcha, tempo forte e tempo fraco davam aos fisioterapeutas apoio e segurança para conduzirem os pacientes.

Conduções mais elaboradas tinham como proposta induzir um ritmo que proporcione condições dos pacientes marcharem com maior desempenho. No início das sessões eram necessários três fisioterapeutas por paciente, dois auxiliavam ao lado e um a frente para conduzir com os brinquedos e palavras de incentivo para que as crianças continuassem caminhando. Ao longo do processo terapêutico cada vez menos eram necessários estagiários para darem esse apoio, ao findar do semestre era necessário apenas um estagiário às vezes nenhum.

O setting da fisioterapia era mudado de acordo com a proposta alinhada entre as duas equipes, elementos como cama elástica por vezes eram utilizados. A paciente com hemiplegia tinha certa resistência para ir à cama elástica. Com a entrada da musicoterapia o ritmo tornava aquilo uma brincadeira de pular, aumentando a força do hemisfério afetado.

Ao findar das sessões músicas mais lentas eram escolhidas para baixar o estímulo que foi induzido ao longo dos 45 minutos de sessão. Alguns trechos executados em sessões:

Blues



Fusion



Bossa Nova



Jazz



Outra experiência com o contrabaixo no setting musicoterapêutico se deu na ação global da saúde do ano de 2014 na (FMU-SP). Foi estruturado em uma das salas da graduação de musicoterapia banda composta por contrabaixo elétrico, piano, violão elétrico, violino, sax e percussão. Pessoas que estavam participando da ação da saúde no dia eram convidadas a entrar na sala e participar da experiência com os musicoterapeutas por aproximadamente 20 minutos.

A consigna proposta era que eles apreciassem e se libertassem de todas os problemas que estavam passando naquele momento. O *feedback* foi muito positivo, pessoas disseram que realmente mudaram de humor com aquele som trabalhado na experiência.

No primeiro semestre de 2016 na (FMU-SP) foi criado na graduação de musicoterapia um projeto chamado Grupo BEM. São grupos híbridos com variações em relação aos participantes: cuidadores, pessoas da comunidade e os próprios estudantes da instituição. O objetivo e principal e foco das sessões é prevenção de stress e ganho de qualidade de vida através de sessões temáticas. Os temas eleitos para as sessões foram: de início uma breve descoberta das principais técnicas musicoterapêuticas e no segundo semestres, fases do desenvolvimento humano. O contrabaixo por vezes entrou no *setting* do grupo. Existe ao termino de cada sessão uma breve avaliação sobre a percepção de cada paciente sobre a experiência proposta, nesse um ano de atendimento não houve nenhuma recusa sonora todas as vezes que o contrabaixo elétrico participou do *setting*. Os resultados do grupo como um todo é o ganho na qualidade de vida dos participantes, uma descoberta de um fazer musical diferente.

Com pacientes adultos sem patologia, no início do tratamento, certa desconfiança por parte dos pacientes. Logo a interação era quase que imediata, por se tratar uma sonoridade familiar. O ganho maior com esse público foi poder voltar o olhar para si mesmo, resolver questões que foram deixadas de lado ao longo da vida. Existem certas sonoridades e algumas músicas que marcaram fases da vida desse adulto. O objetivo primordial era respeitar os limites, abrir canais de comunicação e deixar emergir os conteúdos de forma natural, talvez o paciente adulto consiga isso através do não verbal.

Existem poucos musicoterapeutas no Brasil que utilizam o contrabaixo elétrico em suas sessões. Fato esse que deve ser desmistificado para as futuras gerações de profissionais na área.

É necessário um despertar dos profissionais em musicoterapia sobre o potencial desse instrumento dentro da sua rotina de atendimentos. Pessoas que tenham identificação com esse trabalho devem seguir em frente atuando como melhor de si.

Considerações finais:

Eu fiquei muito feliz com resultado final desse trabalho. Desde minha adolescência sou contrabaixista e na fase adulta descobri a Musicoterapia como profissão. Juntar os dois foi algo imprescindível para meu desenvolvimento durante os anos da graduação. Os resultados obtidos em forma de melhoria da qualidade de vida dos pacientes é algo emocionante a sensação é indescritível.

Referências:

ALVES, Luiz. O Contrabaixo: ensaio, 2008 Disponível em: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33034069/luizalvescontrabaixo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1479167909&Signature=kRrMiiLAPd5Ho5cL4Ps4yJCA75I%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_Contrabaixo.pdf . Acesso em: 14 de novembro de 2016.

AUTRAN, H. D. *Dicionário de Termos e expressões da música*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

BARANOW, A. L. v. *Musicoterapia: uma visão geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BENENZON, R. *Teoria da Musicoterapia: Contribuição ao conhecimento do contexto não verbal*. São Paulo: Summus, 1988.

BRUSCIA, K. *Musicoterapia – Métodos y Prácticas*. México: Pax México, 2007.

SANTOS, C. F. *Setting Musicoterapêutico: Encontros Visuais e Sonoros*, 2012 Disponível em: http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/artigo/Setting%20Musicoterapeutico_encontros%20visuais%20e%20sonoros.pdf. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

TEIXEIRA, L. T. *Referências para o ensino de violão na formação do musicoterapeuta*, 2010 Disponível em: <https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/LeviTrindade.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.